

cas russas (*matrioshkas*) que saem umas de dentro das outras, os mitos saltam das páginas e nos envolvem de tal maneira que até podemos sentir o cheiro do mar que os Argonautas navegaram em busca do Velocino de Ouro.

Não deixa de ser curioso que o autor deste belíssimo livro tenha nome do deus grego Dionísio, que muito lutou para nascer e preferiu rodar o mundo a fincar pé no Olimpo. Associado às alegrias do vinho, ele também era conhecido como promotor da civilização e amante da paz.

Por fim, vale dizer que o vaivém entre os mitos evocados por Laodemo e o suspense ante o desfecho de sua própria história (cercado pela curiosidade dos visitantes e amparado pelo carinho da filha Moera e dos netos Cadmo e Ledmo) dão ao leitor um deleite comparado à embriaguez de Ícaro durante o voo. Contudo, à diferença do filho de Dédalo, que despencou no mar quando o Sol derreteu-lhe a cera das asas, o calor da atenção dedicada às histórias aqui reunidas nos mantém sempre no alto, sustentados por vozes que não se apagam no fim da página.

Ilan Brenman

Comboio
de Corda
ROMANCE

Em uma ilha perdida no mar Mediterrâneo, o velho Laodemo, às vésperas da morte, reúne uma plateia ávida por ouvir aquelas que talvez sejam suas derradeiras histórias. Um dos últimos sobreviventes dos tempos heroicos, cuja idade ninguém sabe ao certo, sua memória revive as façanhas de gente da estirpe de Jasão, Hércules e Teseu. Por sua boca falam os deuses e o mundo volta a ser habitado por ninfas, centauros e monstros de toda espécie. Todos o escutam hipnotizados, sobretudo seu neto Cadmo, que dele herdou o dom de narrar. Entre espadas e feitiços, tronos e corações, desenrola-se o fio desse relato labiríntico e numinoso.

Dionísio Jacob nasceu na cidade de São Paulo, em 1951. Autor de livros para jovens e adultos, também escreveu roteiros para programas de televisão, como *Castelo Rá-Tim-Bum*, *Cocoricó* e *TV CRUJ*. Pela Edições SM publicou, na coleção Barco a Vapor, *A flauta mágica*, *A fenda do tempo*, *O Príncipe*, *a Princesa*, *o Dragão* e *o Mágico* e *A criação das criaturas*.

sm



sm

A espada e o novelo

Dionísio Jacob



A espada e o novelo

Dionísio Jacob

sm

“Se tenho de morrer, que seja contando minhas histórias.” As palavras do velho Laodemo, protagonista deste *A espada e o novelo*, descortinam uma verdade fundamental: a morte não detém a transmissão das histórias. Tal poder, no entanto, depende de um esforço coletivo e continuado, pois o que mantém vivos os mitos é o trabalho de contá-los de geração em geração.

Laodemo é um elo dessa cadeia. Na condição de moribundo, investido da autoridade da morte, ele concorre para a eternidade da narrativa. Por sua voz adentramos em uma atmosfera repleta de aventuras e desventuras. Bom contador que é, ele sabe que a jornada do herói não é uma história “dos outros”, não diz respeito a seres distantes, antes retira sua força do fato de os ouvintes se espelharem nas personagens do relato. Por isso todos são um pouco Jasão, Hércules, Teseu, Apolo, Zeus, Afrodite etc. Por isso também Laodemo tem a idade das façanhas que rememora.

Outra qualidade que perpassa a narrativa do eloquente ancião é o domínio de um artifício que, séculos mais tarde, faria sucesso nas exposições noturnas da famosa Xerazade: a técnica de desentranhar histórias de histórias. Como aquelas bone-

A espada e o novelo

A espada e o novelo

Dionisio Jacob



© Dionisio Jacob, 2009

Edição executiva Graziela Ribeiro dos Santos

Coordenação editorial Fabio Weintraub

Preparação Norma Marinheiro

Revisão Marcia Menin, Viviane Teixeira Mendes e Aginaldo Holanda

Edição de arte Leonardo Carvalho

Capa Leonardo Carvalho

Diagramação Paulo Minuzzo

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão xxxxxxxx

Imagem de capa Teseu e o Minotauro, autor desconhecido,
gravura do início do século XX. Coleção The Bettmann Archive.

© Bettmann/CORBIS/Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionisio

A espada e o novelo / Dionisio Jacob. — 2 ed. — São Paulo:
Edições SM, 2017.

ISBN 978-85-418-1191-0

1. Aventuras 2. Ficção brasileira 3. Mitologia grega I. Título.

17-08135

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição julho de 2009

2ª edição outubro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

Sumário

Prólogo, 7

1. A educação do herói, 11

2. Os Argonautas, 51

3. Floração heroica, 105

4. A fundação da cidade, 181

Epílogo, 231

Frescor de fonte antiga, 237

Sobre o autor, 239

Prólogo

A ilha Menor — assim chamada por ser a de menor tamanho naquele antigo arquipélago do mar Mediterrâneo — estava recebendo um contingente inusitado de visitantes. Inúmeras embarcações vindas de várias partes da Grécia e do Oriente disputavam espaço em seu acanhado porto ou acabavam ancorando nas encostas pedregosas, arriscando-se a romper os cascos nas rochas.

A razão de tanto movimento era simples: Laodemo estava morrendo. O velho contador de histórias, que grande fama ganhara, vivia os últimos instantes de sua longa existência. E muitas pessoas de prestígio — dramaturgos, poetas, pintores, escultores, músicos, oradores, políticos — vinham prestar-lhe homenagem. Todos tinham viajado longas distâncias para testemunhar o fim daquele homem, depositário de uma antiga tradição.

Os habitantes da ilha aglomeravam-se nas encostas para admirar a chegada dos navios. Espantavam-se com a túnica escarlate do sacerdote de Siracusa ou com as roupas espalhafatosas dos orientais da Frígia e recebiam com orgulho todos os ilustres visitantes. Aquela era apenas uma terra de pescadores, de homens simples, rústicos, sem nada de notável afora o fato de que ali nascera e cresceram Laodemo. E ali ele agora passava as últimas horas de sua vida.

Apesar de pequena, a ilha Menor era coroada por um contraforte, um penhasco íngreme. E foi na parte superior da ilha que Laodemo — tendo regressado a sua terra natal após uma existência errante — construiu a casa onde passou a velhice. Daquele ponto descortinava-se uma vista grandiosa do oceano. Dali também Cadmo admirava as embarcações que disputavam espaço na baía.

Cadmo era neto, bisneto ou tataraneto de Laodemo, o próprio ancião não sabia precisar (tão velho era aquele homem que já ninguém sabia sua idade). De todos os descendentes de Laodemo, Cadmo era o mais chegado a ele, a quem, para simplificar, cha-

mava de “avô”. Por isso, enquanto vizinhos e amigos se revezavam nos trabalhos, arrumando a casa, preparando os comes e bebes e buscando acomodar aquelas pessoas importantes que não paravam de chegar, Cadmo permanecia junto à janela, desgostoso por saber que logo não poderia mais conversar com o avô, ouvir suas histórias, caminhar com ele pela horta, onde todos os dias almoçavam sentindo a maresia nos cabelos e contemplando a imensidão das águas ancestrais que cercavam a ilha.

Enquanto observava as embarcações, Cadmo sorria, imaginando que naquele mesmo lugar onde os navios estavam agora atracando iniciara-se a história de Laodemo, tão fabulosa quanto suas narrativas. Ele se tornara uma lenda: um homem cuja idade se estimava em mais de quatrocentos anos. O ancião nada confirmava ou desmentia, fazendo com que alguns o julgassem um mistificador, enquanto outros o olhavam com credulidade e reverência.

Os boatos diziam que Laodemo era tão velho que, na infância, teria visto os Argonautas de perto quando fizeram uma breve escala na ilha Menor (escala que, para dificultar ainda mais as coisas, nunca foi registrada pelos poetas). Cadmo acreditava em tudo aquilo e mantinha pelo avô uma admiração sem limites. Sentia orgulho daquele homem legendário, último vestígio de um tempo que estava se extinguindo, e seu coração pesava de tristeza por sabê-lo moribundo.

Então foi despertado de sua letargia. Uma inesperada melhora na saúde de Laodemo pôs a casa em súbito alvoroço.

Cadmo correu até o quarto de seu avô e surpreendeu-se ao encontrá-lo sentado no que havia pouco era seu leito de morte. O rosto de Laodemo refletia uma estranha serenidade. Ele sorriu ao ver o neto preferido.

— Venha dar um abraço em seu avô. Acho que minha partida não é para já!

Os dois trocaram um afetuoso abraço, sob o olhar incrédulo do médico que acompanhava Laodemo. O sangue voltara a irrigar-

-lhe as faces, desfazendo a palidez de cera. Como explicar tão repentina mudança?

Muitos julgaram que talvez Laodemo estivesse destinado a viver pelo menos mais uma geração. “Ele ainda vai enterrar todos os que aqui estão”, alguém chegou a comentar. Em face da boa-nova, as embarcações que lotavam a baía começaram a partir.

Entretanto, alguns visitantes decidiram permanecer para conversar com Laodemo, que parecia muito bem-disposto e até demonstrava sinais de apetite. Houve mesmo quem lhe pedisse para contar histórias, o que muito o animou. Mas o médico foi taxativo em proibir qualquer abuso, ao que Laodemo retrucou, com um sorriso cheio de simpatia:

— Meu querido, sei de suas boas intenções, mas para que tanto apego à vida? Se tenho de morrer, que seja contando minhas histórias.

Essas palavras sensatas produziram grande impacto no ambiente. Entre os visitantes sedentos por histórias havia um dramaturgo, um poeta, um escultor, um historiador e um filósofo. Além deles, muitos jovens e crianças, todos amigos de Cadmo e de seu irmão menor, Ledmo, vieram correndo ao saber que as lendas voltariam a brotar da boca do velho.

Laodemo pediu apenas para mudar de quarto, pois aquele cheirava “a incenso e pranto”. Levaram-no então para a sala, onde se improvisou uma confortável cama ao lado de sua janela favorita, a mesma de onde, havia pouco, Cadmo fitara a baía. Dali ele podia descortinar a bela paisagem e sentir o sopro do vento. Recostado ao batente, sorrindo, Laodemo ouviu as súplicas por esse ou por aquele mito. Com um gesto, acalmou a assistência, dizendo que contaria tantos quantos fosse possível.

Com a ajuda de Cadmo, ajeitou-se na cama, respirou fundo e refletiu. Por fim, iniciou aqueles que talvez fossem seus derradeiros relatos.

1

A educação do herói

— Meus queridos — disse Laodemo com voz comovida —, nem sei por onde começar. Sinto-me prestes a entrar naquele labirinto que foi o terror de Creta. Por isso vou precisar de algo como o fio de Ariadne para me guiar. Espero sair com vida desse labirinto!

Todos riram do tom jovial de Laodemo e se ajeitaram nas cadeiras ou no chão; alguns se aproximaram para ouvir melhor.

— O fio da meada que puxarei começa com minha história predileta: a aventura de Jasão e os Argonautas.

A satisfação foi geral. Cadmo mal podia disfarçar a alegria pela melhora do avô e por testemunhar a reação de respeito e simpatia que ele provocava nas pessoas.

— Mas vou pedir a vocês um pouco de paciência. Antes quero falar da infância do herói e de sua formação.

Um respeitoso silêncio dominou a sala. Olhares atentos e respirações pausadas: em poucos instantes, apenas a voz de Laodemo soava.

— Nosso novelo começa a desenrolar-se na antiga Tessália, famosa por suas terras férteis, por seus cavalos imponentes e, naturalmente, por ser a região onde se ergue o monte Olimpo. Pois bem, na Tessália existia um reino chamado Iolco, fundado por Creteu, que viria a ser o avô de Jasão. Como era natural, Creteu deixou o reino de herança a seu filho Esão, pai de Jasão. Contudo, Esão adoeceu e, vendo-se sem condições de governar, entregou a coroa a Pélias, seu irmão por parte de mãe e, portanto, tio de Jasão. Alguns dizem que Pélias tomou-lhe o reino à força. O certo é que, uma vez no trono, Pélias se afeiçoou ao poder.

Quando isso aconteceu, Jasão era muito pequeno. Esão, temendo que Pélias atentasse contra a vida do menino, que herdaria o trono quando atingisse a maioridade, inventou então uma história: contou a todos que Jasão estava muito doente e, passado algum tempo, anunciou a morte do filho. Realizou até o funeral para dar maior veracidade à farsa. Enquanto isso, a mãe de Jasão o levou ao monte Pélion e o entregou aos cuidados de Quíron, o centauro que ali morava, numa caverna. Com a morte de Esão, Pélias sentiu-se contente e seguro no trono de Iolco, supondo que nada mais o ameaçava.

Nesse ponto da narrativa, Laodemo parou. Percorria a sala um leve murmúrio produzido pelas crianças, prontamente repreendidas pelos demais adultos. Mas o ancião dirigiu a elas um sorriso, indagando-lhes o motivo da inquietação.

— É verdade que naqueles tempos os centauros andavam pelas campinas? — perguntou Ledmo.

Laodemo soltou uma risada, como se entendesse a curiosidade dos pequenos, e voltou a falar:

— Naqueles tempos não apenas centauros, mas também muitos seres estranhos conviviam com os homens em campinas, bosques, montanhas. Os heróis esforçavam-se por aniquilar os mais monstruosos. Mas havia também criaturas benfazejas, como as

ninfas, que existiam por toda parte. De tão formosas, algumas delas despertavam o desejo de homens, deuses e seres como os sátiros e os centauros.

Laodemo agora falava com o olhar perdido, talvez a evocar imagens guardadas no fundo de seu cérebro.

— As ninfas associavam-se aos elementos da natureza: as ne-reidas viviam nos oceanos e as náíades, nos lagos e nos rios; as oréades protegiam as montanhas, enquanto as dríades e hama-dríades habitavam as árvores dos bosques.

Dizem os antigos que, sem a proteção das ninfas, os elementos que elas presidiam definhariam até morrer. Elas não eram imortais, mas viviam muito, assim como eu — com a diferença de que não envelheciam. Casavam-se e tinham filhas, que continuavam a zelar pela natureza. Entretanto, não era fácil desposá-las. Recatadas e ariscas, era bem difícil capturá-las. Que o digam os sátiros, criaturas metade homem, metade bode, munidas de cascos e chifres, que viviam a persegui-las sem sucesso.

Os centauros também eram seres híbridos: homens da cintura para cima e cavalos da cintura para baixo. Debochados e arrua-ceiros como os sátiros, inclinavam-se até mesmo à violência — em geral, por excesso de vinho. As ninfas representam, assim, a beleza da natureza. Já os centauros e sátiros encarnam seu lado mais violento.

Mas nem todos os centauros eram rudes. Quíron, por exemplo, foi um dos maiores sábios daqueles tempos, mestre de heróis como Aquiles, Asclépio, Odisseu, Hércules, Castor, Polideuco e muitos outros. Dizem mesmo que Atena, deusa da sabedoria, antevendo a ação de Quíron como educador, soprou-lhe na mente uma inspiração que serviu de base a seus ensinamentos.

Quíron era filho do Tempo com uma ninfa dos oceanos. Nunca andou em bandos como os outros centauros. Refugiou-se nas montanhas e adquiriu muitos conhecimentos sobre botânica e astronomia. Passou a viver numa gruta, aonde a aflita mãe de

Jasão o levava. Quíron também detinha conhecimentos médicos e musicais e, misturando as duas artes, produzia certos acordes capazes de curar os doentes. Conhecia a influência dos astros sobre as pessoas e sabia tratar grande parte das aflições humanas. Ele viveu muitos anos e, mesmo na velhice, era muito saudável e robusto.

Pois bem, esse centauro em tudo admirável foi o mestre de Jasão. Quíron resolveu não contar para o menino sobre sua origem, para que ele não crescesse revoltado. Antes, ensinou a ele tudo o que sabia, propiciando-lhe notável desenvolvimento em termos físicos e intelectuais. O corpo do discípulo o mestre estimulava com lições de ginástica e de caça, com instruções sobre como lutar e manejar armas. Para aprimoramento do espírito, Quíron disciplinava a alma do aluno com a música, ensinando-lhe a harmonia cósmica e expondo-o aos acordes que, segundo a ciência antiga, alimentavam os melhores sentimentos.

Além da música, Quíron também contou a Jasão diversas histórias, como faço agora com vocês. Ele acreditava que nos mitos ancestrais estavam contidos os melhores ensinamentos. Por meio daquelas histórias, Quíron buscava responder às muitas perguntas que desde muito cedo a aguda inteligência de Jasão lhe dirigia.

Mas, como o jovem aluno cada vez mais queria saber o que acontecera “antes disso”, e “antes de antes disso”, e “muito antes disso”, o centauro se viu obrigado a contar como surgiram o mundo e todas as coisas. Foi assim que Quíron, no recesso de sua gruta, no monte Pélion, narrou a criação do Cosmos a seu deslumbrado discípulo.

E Laodemo passou a falar falseando a voz, como se ele próprio fosse o centauro Quíron dirigindo-se a Jasão na antiga gruta:

— Bem antigamente nada existia. Ou melhor, existia uma coisa chamada Caos. No Caos tudo estava misturado, tudo era confusão,

mas ali estava também o germe de todas as coisas. Desse germe surgiu o ovo da Noite. E o ovo da Noite, que flutuava no Caos, foi germinado pelo Amor. Quando a Noite surgiu do ovo, outras coisas começaram a nascer e se juntar pela ação do Amor.

Então, o Caos germinou o Érebo, que se juntou à Noite, e dessa união nasceram o Éter, a Luz, a Terra, o Céu e a segunda geração de deuses. A Terra era conhecida por vários nomes: uns a chamavam Gaia; outros, Titeia. E o Céu chamava-se Urano. Quando Titeia e Urano se uniram, deram fruto à terceira geração de deuses, conhecidos como titãs, por serem filhos de Titeia, ou Terra, e por nela habitarem.

Os titãs eram gigantes assustadores e cruéis. Eram muitos e de tipos variados, desde alguns horríveis, com cem braços, responsáveis pelos terremotos, até os ciclopes, gigantes com um olho só no meio da testa, que forjavam os relâmpagos e faziam os vulcões entrar em erupção.

O Cosmos, que ainda espelhava o Caos, de onde tudo saíra, foi tomado por uma grande e desordenada luta pelo poder. Urano, o Céu, monarca do Cosmos, escandalizado com as criaturas monstruosas geradas pela Terra e temendo que elas lhe usurpassem o trono, prendeu todos aqueles monstruosos titãs no recesso do Abismo. Revoltado contra o domínio cruel de Urano, Cronos, o Tempo, que era um dos titãs, conseguiu destroná-lo e castrá-lo, para que ele não mais gerasse filhos com Titeia. Com isso, o Céu e a Terra, que ainda viviam unidos, separaram-se definitivamente.

Livre do pai, Cronos passou a reinar sobre o Cosmos. Uns dizem que foi uma época de ouro, repleta de felicidade e inocência, enquanto outros afirmam que Cronos passou a devorar todos seus descendentes!

— *Que coisa horrível, Quíron! Mas por que ele faria isso?*

— *Bem... talvez por receio de ser destronado por um filho, do mesmo modo que destronou seu pai. Alguns dizem que Urano havia lhe profetizado tal acontecimento. Outros contam que ele havia feito*